

O MINISTÉRIO PRESBITERAL: O PERIGO DO ATIVISMO E A SOLUÇÃO DE UMA VIDA VOLTADA À ESPIRITUALIDADE

THE PRESBITERIAL MINISTRY: THE DANGER OF ACTIVISM AND THE SOLUTION OF A LIFE CONCERNED WITH SPIRITUALITY

Reginaldo Marcolino¹

Resumo: O presente artigo procura evidenciar a importância de o presbítero conhecer-se a si mesmo para poder ser um eficaz ajudador. Um dos perigos que o ser humano sofre em nossos dias é o ativismo, e o presbítero, situado neste mundo concreto, não está imune de ser surpreendido por tal mal; a possibilidade para sanar este grave perigo na vivência do ministério presbiteral é a busca de uma concisa espiritualidade.

Sommario: Questo articolo cerca di evidenziare l'importanza del sacerdote a conoscere se stesso per essere un efficace aiutante. Uno dei pericoli che l'uomo soffre nei nostri giorni è l'attivismo e il sacerdote, situato in questo mondo concreto, non è immune da essere sorpreso da tale male; la possibilità di porre rimedio a questo grave pericolo nell'esperienza del ministero sacerdotale è la ricerca di una spiritualità concisa.

1. Introdução

Ao ler as obras de Augusto Cury, psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor, de modo específico sobre um grande mal do século por ele apresentado, a 'ansiedade', se depara com uma realidade que assola a vida do ser humano e, por conseguinte, a vida presbiteral. Os escritos e as obras deste autor não serão objetos únicos desta pesquisa, mas muitos de seus pensamentos e de suas afirmações servirão de base para tratar da temática.

Apesar dos esforços da Igreja em procurar uma nova logística (o que na verdade não é algo novo ou inédito, pois a Igreja pós Vaticano II sempre valorizou a vida comunitária e o leigo como sujeito da ação eclesial) da estrutura paroquial na formação de pequenas comunidades, o presbítero inserido no mundo atual pode adoecer coletivamente, pelo que se chama de ansiedade.

Sabe-se que hoje a vida em sociedade é marcada por características próprias que exigem urgência e rapidez e, conseqüentemente, geram a tão chamada ansiedade. As relações humanas não encontram, tantas vezes, mais lugar para a tolerância e a

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciência e Letras de Lins/SP(2001) e Bacharel em Teologia pelo Instituto Teológico Rainha dos Apóstolos de Marília/SP (2005), convalidou sua graduação em Teologia pela FAJOPA-Marília/SP (2013). Leciona teologia nas disciplinas da área de teologia sistemática na FAJOPA em Marília/SP. Mestre em teologia sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP (2011). E-mail: reginaldomarcolino@gmail.com

paciência. O ser humano encontra-se na era da indústria do entretenimento, mas também do tédio, pois uma novidade suplanta o lugar do ser enquanto existência e, assim, não há lugar para a interiorização, o ficar só ou ainda rezar silenciosamente.

O presbítero, bem como qualquer pessoa, está envolvido no mundo virtual, das redes sociais (o que é bom e muito contribui para a evangelização), mas pode esquecer-se de si mesmo, de autodescobrir-se, ou ainda, de descobrir a essência tanto de si como do outro. A busca por uma saúde psíquica é necessária e muito atual, pois é ela que garantirá o prazer de viver e a criatividade. Pode-se pensar, por exemplo, que somente os remédios viciam, mas na verdade, também o excesso de informação, de trabalho intelectual, de atividades, de preocupação e até do uso do celular. Nesta lista, o presbítero se encaixa perfeitamente, pois na vida presbiteral, de modo particular na vida paroquial, ele pode facilmente se ver ‘cheio de coisas’ e sem tempo para si mesmo. A vida presbiteral exigirá sempre um cuidado com as pessoas, o que se chama evangelização, assim como com a administração dos bens, o que poderá tirar de cena o seu ‘eu’ ou até a sua busca pela vida interior, o que se chama espiritualidade.

[...] estou em contemplação. E contemplar também significa olhar interiormente, olhar para nossa própria luz interna. A luz do sol conduz meu olhar à luz interior da minha alma. Ali vejo Deus, não como uma imagem determinada, mas como a base primordial de todas as imagens².

Assim, com base em fundamentos de áreas da psicologia, procurar-se-á em descrever situações de perigo que ameaçam a vivência do ministério presbiteral, apresentando, com base em documentos do Magistério da Igreja, a necessidade fundamental do cultivo de uma espiritualidade, com tempo privilegiado para a oração e a descoberta de si.

2. O pensar nos outros e o esquecer-se de si

Muitos estudiosos chegaram à conclusão que a depressão é um mal do século, quando na verdade, mesmo em meio ao grande índice de pessoas com essa doença, o grande mal é a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). A SPA entra na vida do ser humano porque a sociedade se tornou cada vez mais consumista, rápida e estressante. E

² GRÜN, Anselm. *O poder do silêncio*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. p. 15.

mais. Ela altera a construção do pensamento, mexe com a saúde emocional, o prazer de viver, o desenvolvimento da inteligência, a criatividade e a sustentabilidade nas relações sociais, ou seja, torna-se uma doença coletiva.

A chave da questão é o gerenciamento do Eu. Nossa mente é um cofre. Quem possui a chave? Quem a possui é o próprio indivíduo. Muitas vezes, tenta abrir o 'eu secreto' com a chave errada, pois ao invés de buscar-se a si mesmo, tenta fazê-lo através do problema do outro, ou do problema da instituição, ou ainda, pensando naquilo que 'pode vir a ser', algo puramente no campo da imaginação ou da suposição.

Quantas vezes o presbítero, no exercício de seu ministério, no atendimento, no aconselhamento pastoral ou na confissão é um exímio ajudador do outro, conseguindo penetrar com a chave certa em áreas do 'eu do outro' ajudando-o a dar passos significativos de mudança e transformação de seu interior e de sua vivência cristã, ajudando-o a centrar-se e a ver um novo horizonte. Mas, também, quantas vezes o presbítero pode encontrar-se em uma situação de encruzilhada em sua vida afetiva, psíquica ou até mesmo espiritual. Talvez descubra facilmente 'a chave que abre o eu do outro' mas acaba por perder-se em descobrir 'a chave que abre o seu próprio eu'.

Perguntar-se-ia se a vida presbiteral com todas as suas exigências ou facetas poderia entrar num estado doentio. O presbítero pode conhecer, por uma educação clássica recebida, uma série de informações exegéticas, no campo da moral e da ética; enfim, milhões de dados sobre o mundo em que se vive e acabar por não conhecer nada sobre o 'mundo que ele mesmo é', ou seja, pode acontecer de um presbítero não conhecer-se a si mesmo. Isso será destrutivo para si e para a Igreja; portanto, para aqueles que, de alguma forma, dependem dele para dar passos na vida, enquanto pessoas e cristãos.

Na linha de reflexão de Albert Ellis³ pode-se elencar onze fantasias, que seriam uma série de ideias irracionais ou estúpidas ou, ainda, supersticiosas que marcam um caminho de neurose generalizada e que podem ser a causa de explicação de algumas das atitudes de presbíteros que ainda não descobriram o sentido de sua vida, vocação e missão. Todas essas atitudes distorcidas serão elencadas e as possíveis buscas de uma superação de tais dificuldades. São elas, em resumo:

³ Albert Ellis foi um psicólogo estadunidense que desenvolveu, em 1955, a REBT "terapia racional emotiva comportamental".

1. O ser humano adulto tem uma necessidade terrível de ser amado ou aprovado por todas as pessoas significativas de sua comunidade. Este será sempre um objetivo inalcançável; quem tentar, vai perder sua direção, vai tornar-se mais inseguro e a auto-desvalorizar-se. Na verdade, uma pessoa racional não sacrificará os seus interesses e desejos em prol deste objetivo.
2. Para ser considerado alguém de valor precisa ser totalmente competente, adequado e bem sucedido em tudo o que faz; isso irá gerar um constante medo do fracasso. Deve-se pensar que o amor passa pelo campo volutivo decisório; é uma escolha e uma decisão e isso implica gestos concretos.
3. Algumas pessoas são más, perversas e infames e deveriam ser acusadas e severamente punidas; não existe uma norma absoluta que diga o que é ou não correto; todo ser humano é falível e pode cometer erros. Por isso, sempre deve-se condenar atos e não pessoas.
4. É terrível que as coisas não aconteçam como gostaríamos. Temos que aceitar a frustração como algo normal, como algo próprio da vida. Ser feliz não é realizar os próprios desejos, mas atender àquilo que a vida pede.
5. A infelicidade humana decorre de causas externas e o ser humano não tem condições de controlar os sofrimentos; por si só, o fato não causa determinado mal. O modo pelo qual penso determinada coisa é que pode fazer muito mais mal do que a causa. Dessa forma, os acontecimentos externos causam dor, mas não são causa de infelicidade.
6. Situações perigosas ou amedrontadoras podem provocar uma catástrofe; não é possível evitar o inevitável; ter medo de certas situações pode fazê-las parecer piores do que são.
7. É mais fácil evitar certas dificuldades e responsabilidades próprias da vida, do que talvez enfrentá-las; evitar uma tarefa é mais difícil e penoso do que fazê-la; e evitar uma tarefa pode acarretar insatisfações no futuro. Uma vida fácil não é uma vida feliz, portanto, é preciso fazer o que se deve, sem se lamentar, ainda que em algumas situações se possa tentar evitar, de modo inteligente, certas tarefas duras e desnecessárias. A satisfação é fruto do esforço, já o prazer é algo que alguém dá livremente. É preciso diferenciar o que 'atrai' do que 'move' a vida em todos os sentidos; aqui reside a busca pelo sentido da vida.

8. Dependemos uns dos outros e ter sempre ao nosso lado alguém sempre mais forte em quem confiar; nesta condição o indivíduo perde sua independência, sua individualidade e sua própria autoexpressão. Esta é uma condição infantil, pois a dependência gera maior dependência, a pessoa não amadurece e vive insegura não chegando à liberdade.
9. Se a história passada determina o comportamento presente; e se alguma coisa, em determinado momento, afetou a vida, deverá ter efeitos semelhantes indefinidamente. O passado pode sim, influenciar, de alguma forma, o presente. Mas, não se pode usar o passado para dar passos em vista da mudança de conduta.
10. Não se pode preocupar-se com os problemas e crises dos outros; ninguém pode resolver os problemas dos outros. A única maneira para ajudá-los é manter o equilíbrio e a paz de espírito. De alguma maneira, julgar a conduta dos outros pode significar que se tem o poder de controlá-los.
11. Há sempre uma solução única e perfeita para cada problema, e é esta que se deve encontrar, do contrário, o resultado será catastrófico. Existem problemas e existem soluções, pois sempre existirão opções e alternativas na solução dos problemas, como também existem problemas sem solução, daí a necessidade da aceitação.

3. A maturidade e a imaturidade no ministério

Para chegar à ordenação presbiteral, o candidato que aspira ao presbiterado precisa passar por um longo processo formativo. São anos a fio de estudos em várias dimensões daquilo que a Igreja qualifica como essenciais ao presbítero: dimensões comunitária, intelectual, humanoafetiva e espiritual. Apesar dos formadores possuírem ferramentas para perscrutar cada indivíduo em dimensões específicas, muitos saem do processo com um grande déficit nas dimensões espiritual e humanoafetiva. Por que? Faltou-lhes oportunidade para isso? Não. Na verdade, é identificado um problema seríssimo: a dimensão intelectual acaba ocupando maior espaço na vida do aspirante ao presbiterado que deixa as demais em segundo plano. Isso não é regra geral, mas identificação de algo muito presente na formação presbiteral. Mas, ainda cabe a pergunta: poderia alguém chegar ao presbiterado com deficiências intelectuais? Sabemos que não, mas também pode acontecer. O ideal é que, além das outras

dimensões importantes da formação presbiteral, é essencial o cultivo de uma boa relação de conhecimento de si mesmo, através da espiritualidade e do trabalho com o Eu.

O Ativismo pode ser considerado um mecanismo de defesa inútil contra o esgotamento. Alguém ironizou isso afirmando que o ativismo significa ‘redobrar o esforço quando se acaba de perder o objetivo’. Um sacerdote desgastado comentou comigo que estava tendo problemas para conseguir a participação dos moradores em suas atividades paroquiais. Perguntei qual era sua estratégia para esses momentos difíceis, e ele me disse decidido: ‘Perdemos o rumo, mas redobramos os esforços’. Não consegui deixar de rir. Lamentavelmente, assim como o padre esgotado, diante do fracasso não paramos, mas em geral substituímos com mais atividade a falta de sentido do que fazemos. É um círculo vicioso. Quando perdemos o sentido de uma tarefa, dificilmente a reconquistaremos com uma força espasmódica de vontade e, menos ainda, redobrando a atividade. O ativismo também pode ser comparado a um liquidificador em funcionamento cheio de água. Ouvimos o barulho, vemos a espuma, mas quando o utensílio para de funcionar, encontramos unicamente água, a mesma de antes. Teremos, logo após o barulho e a espuma, água e um liquidificador aquecido a ponto de ‘queimar’⁴.

Isso tudo poderá fortemente influenciar na conclusão de se ter um presbítero maduro ou imaturo. Convém notar que maturidade nada tem a ver com idade. Podemos ter um presbítero jovem com maturidade e um presbítero idoso imaturo e vice-versa. Na verdade, a busca está na capacidade de o presbítero saber dirigir suas emoções, suas reações e seus pensamentos. Se o presbítero se deixa levar pela superficialidade do mundo e de uma vida estressante, lidará consigo e com os outros numa relação de troca ou de venda, ou seja, estabelecerá, na maioria das vezes, uma relação de ‘produtos adquiridos’ e de ‘venda de serviços’; isto poderá levá-lo facilmente, até sem se dar conta, a apropriar-se do sagrado no exercício do ministério para dar ‘um pouco de seu profissionalismo’. E sabemos bem, o exercício do ministério exigirá presbíteros vocacionados e não profissionais.

Quase sempre, os profissionais são ótimos para as empresas, mas opressores de si mesmos e de seus funcionários. O presbítero pode cair no desastre de ‘ser um profissional do sagrado’, oprimindo a si e aos outros a sua volta. Acontece uma atualização daquilo que fora objeto de crítica de Jesus em relação aos fariseus e mestres

⁴ ALMADA, Roberto. *O cansaço dos bons: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional*. Vargem Grande Paulista/SP: Cidade Nova, 2013. p. 30-31.

da lei no seu tempo. A profissão pode fazer acertar naquilo que é comum e corriqueiro, mas pode fazer errar no essencial. O presbítero pode ser mestre na arte da retórica, ensinando o ‘como agir eticamente’, no caso, mas ser ‘um menino’ no território de suas emoções e de seus afetos. Pode falar sobre fraternidade, ou seja, ‘como ser irmão’, mas não saber acolher críticas e nem ter autocritica e o que é pior: não pode ser contrariado e possui sempre a necessidade de ter em mãos o poder, bem como do ‘mundo gravitar em sua órbita’. A imaturidade, de alguma forma, significa ‘terra de ninguém’, isto é, o indivíduo fica vulnerável a todo e qualquer estímulo estressante.

4. A tentativa de descobrir-se a si mesmo

A construção do pensamento não é unifocal, mas multifocal. O pensamento é construído não somente com dados do consciente, mas também do inconsciente. A mente humana é, por assim dizer, muito complexa, assim, as várias facetas da psicanálise, das teorias comportamentais, das teorias sociológicas e das psicolinguísticas ajudam a compreender quem é o ser humano. Muitos não sabem usar o pensamento para libertar, acabam usando-o para aprisionar e punir quando falham ou não correspondem às mais variadas expectativas.

O presbítero que não descobre seus dons e potenciais, bem como seus limites e dificuldades, poderá ser asfixiado por pensamentos perturbadores e por punições inúteis a si e aos outros a sua volta. Se o presbítero hoje não consegue gerenciar sua psiquê será como que ‘um menino numa terra de monstros’. Claro que com um ‘Eu inconsciente’, tem-se o ‘Eu consciente’ que não exclui a responsabilidade de quem comete algum tipo de violência sobre o outro. O Eu consciente é responsável pelos seus comportamentos e suas consequências, mesmo carregando mazelas psíquicas. O presbítero que não souber dar ‘um choque’ de lucidez em sua emoção e em seus pensamentos não conseguirá construir positivamente sua história de vida presbiteral.

A fim de superar sua angústia ou seu sentimento vazio interior e impotência, o ser humano escolhe um objeto no qual projeta todas as suas qualidades humanas: seu amor, sua inteligência, sua coragem – seu fetiche. Ao se submeter a esse objeto, ele se sente em contato com suas próprias qualidades; sente-se forte, inteligente, corajoso e seguro. Perder o objeto significa o perigo de perder a si mesmo. Assim,

oscilamos radicalmente da forma maníaca à depressiva; da fogueira eufórica à fogueira do desencanto⁵.

Facilmente identifica-se pessoas escravas de sua psiquê. Na escravidão no Brasil algemava-se o corpo; hoje, tantos são algemados em sua psiquê. O pensamento que ‘não para’, a SPA, faz com que o trabalho seja insuportável, máquina do pensar. O presbítero se vê tão aprisionado em suas atividades mentais, que pode perder o sono e não encontrar lugar em seu interior para o descanso. Qualquer ser humano se vê dominado por seus pensamentos, pois há, em milésimos de segundos e não através do Eu, mas do inconsciente e da memória, um poderoso processo interpretativo na mente humana.

A busca é constante, pois constante é a luta pela harmonia interior. “Só aquele que se dá ao silêncio consegue encarar o deserto”⁶. Ser autoritário e superficial é típico de quem não atingiu maturidade e harmonia. O presbítero precisa se conscientizar que é um ser humano e não um ‘deus’. A humanidade está cansada e saturada de deuses. Quem acredita ser portador de uma verdade absoluta em si mesma está preparado para ser ‘deus’. O ser humano, ou ainda, no caso, através do objeto deste estudo, o ‘presbítero-humano’ é capaz de saber que a verdade absoluta é um fim inatingível e que só é possível atingir a verdade quem passa pelas fragilidades e desafios, mas encontra sentido numa liberdade responsável, que dignifica e faz de si e de outro, alguém sempre mais humano e capaz.

5. A tentativa de ser o gestor dos pensamentos, das emoções e dos sentimentos

A tarefa principal de um presbítero amadurecido em sua condição de vida assumida é descobrir o seu ‘eu’. Essa descoberta o fará livre e realizado. Com isso, surge a necessidade constante em autoconhecer-se, em mapear suas mazelas (pois todo ser humano as possui) e superar a necessidade neurótica de ser perfeito. Aliás, a noção de perfeição não é de algo pronto e acabado, mas sim, de algo que se busca, ou seja, um colocar-se a caminho. E mais. Porque se crê é que se pode chegar a um determinado lugar. Para isto, não é preciso ter medo de ‘pagar o preço pelas escolhas feitas’; as escolhas exigirão autonomia, isto é, adquirir opinião própria, sabendo que uma vez feitas as escolhas, exigirão perdas; ou se assume a condição de ‘perfeitos’ ou, então, se

⁵ PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte/MG: Editora PUC Minas, 2012. p. 356-357.

⁶ GRÜN, Anselm. *O poder do silêncio*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. p. 28.

assumirá a hipocrisia que é fazer um teatro com a vida, isto é, assumir um papel de ator e apresentar algo que, na verdade, não significa ou não condiz com a clareza daquilo que se vive.

Na busca de autorrealização ou do sentido da vida é preciso ter consciência crítica sobre si mesmo e exercer a ‘arte da dúvida’ sobre tudo o que o controla, em especial, as falsas crenças. No ministério presbiteral idealiza-se muitas coisas, mas estas, são fruto, vezes, da imaginação, do querer, das vontades e, porque não dizer, dos caprichos; nada têm a ver com a vontade da Igreja da qual todos são servidores. Tantas vezes e de muitos modos, o presbítero se perde na necessidade de ter poder, o que revela falta de identidade psíquica, social e eclesial.

A relação de obediência não significa uma relação cega, de total subordinação. Pactuar é uma virtude entre adultos, homens livres e autônomos. Numa relação madura há acordo entre as partes e consenso na tomada de decisão, embora resguardando as diferenças. A liberdade de comunicação [...] permite fazer exigências e cobrar posturas mais incisivas referentes ao cargo, sem abalar a boa relação entre subordinados e autoridades⁷.

Faz-se necessário buscar uma qualidade das imagens mentais e libertação dos focos de tensão. Assim, pois, será preciso um gerenciamento dos pensamentos para não ser escravo de ideias que ruminam o passado ou antecipam, de alguma forma, o futuro. Então, vem outra qualidade que é saber gerenciar a emoção, filtrando estímulos estressantes. A emoção é movimento, comoção, ato de mover; algo, portanto, fora, para fora; e, moção é movimento. Os encontros afetivos (afecções), podem aumentar o desejo de ampliar o sentido de vida ou diminuí-lo, pelo contato com situações negativas constantes.

Muitos presbíteros vivem em depressão, que é a tentativa última de a alma querer falar; por isso, normalmente, não é curada somente com remédios, mas com terapia (ajudar a redimensionar o ‘que jogou a pessoa para baixo’); a depressão sempre desemboca numa ‘fuga’; então, busca-se entorpecer.

Há uma distinção entre emoção e sentimento. A emoção inclui o sentimento. O que mantém público o processo é a emoção e, reservado, é o sentimento. As emoções ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos; ocorrem no corpo – o corpo cria um

⁷ PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte/MG: Editora PUC Minas, 2012. p. 325.

‘mapa neural’ – todos os estímulos e os sentimentos ocorrem na mente, fazem parte de nosso mundo interno que traz a percepção do mundo externo. Exemplo: a raiva é um sentimento e as emoções referentes à raiva são muito agressivas.

Num estudo da evolução anatômica do cérebro humano perceber-se-á que possui um chamado tronco cerebral, um cerebelo, um sistema límbico e um neocórtex cerebral. Dessa forma, todo ser humano possui um sistema primitivo (algo puramente animal), um límbico (que possui a função de centro emocional, onde situam-se as emoções) e um racional (a razão). Por exemplo, a capacidade de aprendizado e memória passa pelas emoções, assim como todas as lembranças.

Nossas emoções e sentimentos são contínuos; muitas e variadas emoções compõem um sentimento. Exemplo: em um sentimento de amor, quantas emoções se processam em torno dele; o sentimento não é simples soma das emoções, mas é o resultante, em evolução contínua de diversos estados de espírito que se integram; esses são filtrados pelo controle crítico, intelectual, que elabora os sentimentos (primeiro movimento a ser feito é o ‘controle crítico intelectual’ – ‘se perguntar: o que está acontecendo comigo?’ – pensar melhor nas emoções e se aproximar do entendimento dos sentimentos – exercício sistemático da razão).

O sentimento é determinado também por uma orientação ‘cognitiva precisa’ sobre valores que se atribuem ao objeto, à pessoa, às situações – pelas quais se tem um determinado sentimento; os sentimentos não podem alterar ‘meu estado emocional’; mas aqui a emoção diferencia-se do sentimento, pois a emoção é uma reação afetiva imediata a um estímulo externo e isso provoca alterações corpóreas visíveis.

Do ponto de vista psicológico são três os tipos de reações às emoções: em primeiro lugar, as *fisiológicas* que são perceptíveis pela aceleração respiratória e cardíaca; em segundo lugar, as *psicológicas* que se manifestam na dificuldade em manter o controle de si mesmo, quando acontece a diminuição da capacidade de exercer funções lógicas e reflexivas; por fim, a *comportamental* que se revela em atitudes e posturas modificadas e em uma mímica facial que exprime o estado de espírito do sujeito.

Todos possuem a necessidade de canalizar as emoções; isso é indispensável para que o amadurecimento afetivo possa se desenvolver com harmonia. Isso é indispensável também aos presbíteros, que todos os dias e constantemente se colocam em contato direto com pessoas de todo tipo, pois na maioria das vezes, não escolhem seu público. Então, é preciso três passos significativos para canalizar as emoções: admitir; falar para

alguém sobre o que estão sentindo, sobre as emoções (de preferência um diretor espiritual ou confessor – mesmo que haja a devida distinção de papéis, neste caso); e falar para a pessoa que ativou a emoção.

É preciso ter consciência que as emoções humanas são o ‘princípio do iceberg’, ou seja, apenas 10% de um iceberg flutuante é visível; não porque as pessoas não demonstram seus sentimentos, mas porque um número bem pequeno está ciente de suas emoções; ou não têm a certeza de ser compreendidas ou há um temor que as ‘confissões emocionais’ possam ser usadas contra elas, voluntaria ou involuntariamente. Neste caso, o que acontece é a repressão dos sentimentos e emoções no subconsciente. As emoções reprimidas, inconscientemente, não morrem, influenciam na personalidade e nos comportamentos.

Os motivos gerais para a repressão emocional acontecem, em geral, por três motivos: a pessoa é programada a fazer isso; ou ‘moraliza-se’ as emoções; ou ainda, nega-se certos sentimentos válidos. É o que se chama de ‘conflito de valores’. Isso não deve causar medo, pois o ser humano é capaz de superar muitas situações traumáticas (sempre num plano superior ao seu; ex.: fé, ou psicólogo, etc...). Na verdade, o que o ser humano precisa é autoaceitação, estima, apreciação e celebração. Então, será preciso orientar as emoções, mas é importante lembrar que orientar não é eliminar emoções, mas tomar consciência delas e situá-las no conjunto da vida pessoal; é preciso canalizar as energias em projeto concreto de humanização.

O presbítero precisa, sobremaneira, de um controle saudável das emoções, tendo consciência da própria emotividade, aceitando as emoções como realidade própria; pois, quando a emoção abarca a vida do sujeito, isso desemboca na desorientação e, assim, este torna-se prisioneiro da emoção do momento ou da opinião dos outros e da insegurança, sem consistência interior. Por isso, é preciso se conectar com a razão (a razão dirá: ‘sei de minhas emoções/ sei o que sinto/ sei dialogar com as emoções’), isso tudo para não ‘atrapalhar’ a dinâmica da vida. A emoção é importantíssima porque coloca a pessoa em ação quando bem orientada, caso contrário, se torna destrutiva.

Assim, é preciso sempre ‘ter-se nas mãos’; o ser humano é conhecido por suas emoções, mas se conhece a pessoa por seus sentimentos. A emoção é uma reação ou resposta (interna (dentro), espontânea (brota automaticamente) e típica (revela a pessoa) do indivíduo a uma situação dada. Dessa forma, é muito importante ‘escutar’ as emoções (tomar consciência das emoções); quando não se faz isso, tantas vezes não se controla as emoções e, ao contrário, a emoção toma conta da situação vivida. As

emoções e sentimentos *não possuem valor moral*; são forças a serviço da pessoa; bem utilizadas, libertam e não utilizadas, escravizam; a função das emoções e dos sentimentos é a de impulsionar a pessoa para a ação; sem eles, a ação humana é vazia, pobre, ineficaz e fria. Eles põem a pessoa na relação com os outros; sem as emoções e os sentimentos, o indivíduo é incapaz de trabalhar (sentido de criar) e de amar (sentido de entrega) bem. Então, é preciso ter uma emotividade saudável (conhecer-se a si mesmo).

6. A espiritualidade como solução de uma vida presbiteral centrada em Deus, na opção abraçada e no próprio eu

A tarefa, talvez a mais difícil de todas, é descobrir o que torna o ser humano sadio e o que, de fato, o adocece. É preciso um olhar de honestidade para si para descobrir o que o torna sadio ou adocece-o.

O ser humano possui um grande potencial para o crescimento, e isso poderá ser o diferencial para o desenvolvimento pessoal e para a alegria de viver do presbítero que quer encontra-se consigo mesmo para poder servir melhor à Igreja e ao Reino de Deus.

Torna-se importante identificar e valorizar as possibilidades de crescimento existentes, sobretudo, no enfrentamento das mágoas, elaborando-as e procurando a devida reconciliação.

A espiritualidade, neste processo, corresponde ao espaço da consciência transpessoal, seria a dimensão espiritual do ser, ou seja, a fé é o remédio eficaz. Seria como uma árvore que só consegue estender seus galhos em direção ao céu quando está fortemente enraizada na terra. Uma espiritualidade que torne sadio o presbítero deve estar conectada ou interligada a tudo o que é importante em sua humanidade. A espiritualidade é uma arena para a ação de Deus⁸.

Para o presbítero que deseja uma existência humana feliz e realizar-se no ministério, faz-se necessário o cultivo de uma espiritualidade sadia. Por espiritualidade sadia entende-se aquela baseada na pessoa como um todo. Alguns podem tentar alcançar o 'céu' passando por cima de sua condição humana. O presbítero é um ser humano! Uma espiritualidade que tenta esse recurso torna-se insuportável e até falsa,

⁸ Grün, Anselm; Müller, Wunibald. *O que nos adocece: e o que nos torna sadios*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Mais Vida). p. 12.

pois o presbítero não está no céu e as suas insuficiências advindas de sua condição humana sempre irão se manifestar.

Uma espiritualidade sadia irá permitir-lhe a capacidade de ser receptivo ao prazer, ao toque; quem não é capaz disso torna-se insensível. O corpo do ser humano é um templo, é o recipiente da sacralidade. Assim sendo, uma espiritualidade saudável produzirá uma postura positiva diante dos sentidos e da sexualidade. Isso implicará em se dispor a dar todos os passos necessários para o crescimento pessoal. A sexualidade impulsiona a vida e o amor, é uma força fascinante, é uma verdadeira fonte de espiritualidade. O relacionamento com Deus é algo sensorial, pois possui sentido de paixão e deleite.

Essa espiritualidade sadia deve ser vivenciada diariamente, com tempo reservado e com disciplina, não pode acontecer esporadicamente, ou em meio aos afazeres do dia ou do ministério, assim como durante a celebração eucarística. É preciso vibrar no sentido do coração. Essa vibração não deve ser apenas para os outros. A constante dedicação aos outros pode fazê-lo esquecer-se de si mesmo. Essa espiritualidade fará com que o presbítero permaneça centrado em si mesmo. “Se todas as pessoas têm direito a você, então seja também uma pessoa que tem direito a si mesma”⁹.

Tantas vezes o presbítero se retrai, diante da grandeza de seu ministério, em dizer não aos outros. Em determinadas situações será preciso dizer não. Não se trata de um ‘não’ sem sentido ou comum, nem de falta de responsabilidade, mas de um ‘não’ apropriado, para o cuidado e a consideração de si mesmo. O presbítero precisa de momentos para alimentar a alma: passeios, sadias distrações, convivências com outros presbíteros; tudo para buscar o equilíbrio e entrar num processo de renovação do próprio ser. Por exemplo, a arte (pintar, escrever, dançar, tocar música) alimenta a alma e convida à interiorização tão necessária. Santo Irineu dizia que o ser humano vital contribui para a honra de Deus¹⁰.

O presbítero precisa se autovalorizar, ou seja, as pessoas que se valorizam sentem um amor verdadeiro por si mesmas e acabam nutridas e plenas. Thomas Merton diz que “se você ama a si mesmo, amará todas as pessoas como a si mesmo”¹¹. É preciso deixar o superego rígido que fica lembrando sempre das carências e

⁹ Idem. p. 18.

¹⁰ Idem. p. 21.

¹¹ Idem. p. 22.

imperfeições, pois muitos estão sob o efeito da incapacidade de se aceitar e de se amar. Essa é uma arte: a capacidade de se amar. Sendo uma arte, é preciso dar passos e o primeiro deles é a busca de uma espiritualidade que possa estimular a humanização.

Muitos têm medo de viver. Na modéstia e no recolhimento o presbítero encontrar-se-á com seu medo. Daí a importância de livrar-se de mensagens inúteis e velhas; será necessário eliminar bloqueios que estão impedindo o crescimento humano. Ao se considerar importante e valioso, o presbítero centrado encontrará estímulo em si e em seu potencial.

Esse processo, quando verdadeiro e honesto, não permitirá fugas e nem a negação da responsabilidade sobre si no disfarce do ministério presbiteral. O perigo é esconder-se no ministério, que na verdade, é fuga para um 'mundo intocável', pois se trata de um mundo espiritual. Se assim acontecer, infelizmente, o presbítero terá sua evolução, enquanto ser, estacionada e sua humanização não progredirá. Todas as experiências limites da existência permitirão sempre um contato consigo mesmo, facilitando o contato com os potenciais e a utilização dos mesmos em favor da própria vida. E mais: o presbítero alcançará a verdadeira humanização e atingirá, a seu tempo, o 'ser humano total', ou seja, integral, capaz, dócil, resolvido e feliz.

7. Conclusão

Não há especificamente uma receita para sanar o perigo do ativismo ou de o presbítero simplesmente se tornar um cumpridor de tarefas no exercício de seu ministério. Mas, com certeza, a espiritualidade é um caminho. Sendo a espiritualidade um caminho, o presbítero precisa descobrir os meios pelos quais proporcionará a si o devido tempo, interesse e amor para procurar dedicar-se ao cultivo de paz em sua interioridade.

Como é importante o presbítero (re) descobrir o valor da espiritualidade. Não se pode negligenciar esse valor, pois todo ser humano necessita de um contato com a Transcendência e, no caso, na vida presbiteral será sempre necessária a busca por dedicar-se à espiritualidade, na tentativa de encontrar-se consigo mesmo e de fazer com que o ministério corresponda ao anseio da Igreja em prestar um serviço de escuta e de orientação às pessoas, uma vez que este presbítero procura escutar-se a si mesmo em uma séria interioridade.

Portanto, se poderia neste trabalho, atualizar as reflexões de Viktor E. Frankl sobre a logoterapia como uma psicologia libertadora e do ser responsável, fazendo o presbítero descobrir-se como verdadeiro ser humano, como ser motivado e que possui sentido de vida. O ser humano, neste sentido, é um ser incondicional capaz de resistir às condições do meio em que vive, alguém capaz de atingir a liberdade do espírito, ou seja, deve ter postura aberta e transcendente diante de toda a forma de condicionamentos e, ainda, é um ser livre e responsável, possui uma ‘liberdade para’, pois não só faz perguntas, mas responde e essa seria verdadeira atitude diante da vida. Todo o sentido do existir humano ganha significado no plano da consciência, esta é a ‘guia da liberdade’ porque tornará o ser humano capaz de interpretar a exigência para cada situação de sua vida. Dessa maneira, o ser humano e, em consequência o presbítero, terá condições de responder a pergunta: qual o único necessário?

Referências

- ALMADA, R. *O cansaço dos bons: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional*. Vargem Grande Paulista/SP: Cidade Nova, 2013.
- CURY, A. *Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos*. Saraiva: São Paulo/SP, 2014.
- ELLIS, A; ABRAHMS, E. *Manual de Terapia Racional Emotiva*. México: Editorial Pax, 2005.
- GRÜN, A. *O poder do silêncio*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- GRÜN, A; MÜLLER, W. *O que nos adoecer: e o que nos torna sadios*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. (Coleção Mais Vida).
- MORAES, I. A. X. *A psicologia do sentido da vida*. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- PEREIRA, W. C. C. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte/MG: Editora PUC Minas, 2012.